

Fernando Pessoa e a estátua que se segue

[João André Costa](#)

Em 2019, as vozes e os gritos ecoaram, acusando Fernando Pessoa de racismo. A polémica estalou depois da sugestão do nome de Pessoa para patrono de um programa de intercâmbio semelhante ao Erasmus entre as Comunidades dos Países de Língua Portuguesa.

À data, citavam-se várias frases da sua autoria como a prova irrefutável de uma visão racista do mundo, as quais reproduzo em seguida: “um zulu [da África do Sul] ou um landim [de Moçambique] não representam coisa alguma de útil neste mundo”; “O legítimo é obrigá-lo, visto que não é gente, a servir os fins da civilização”; “Ninguém ainda provou, por exemplo, que a abolição da escravatura fosse um bem social”, questionando de seguida: “Quem nos diz que a escravatura não seja uma lei natural da vida das sociedades sãs?”; “A escravatura é a lei da vida, e não há outra lei, porque esta tem que cumprir-se, sem revolta possível. Uns nascem escravos, e a outros a escravidão é dada”.

(...)

Foram as frases retiradas de contexto? É justo acusar Fernando Pessoa de racismo? Ora, de acordo com o historiador José Barreto, Pessoa nunca teve publicamente qualquer atitude racista, nem nunca publicou uma linha de doutrina racista. Na verdade, ao falar em escravatura, Pessoa refere-se “à ‘plebe’, ao operariado moderno, do qual fala quase sempre com desprezo, traumatizado como ficou pelo sindicalismo revolucionário e pelo anarquismo bombista da I República”. Conclusão, para Fernando Pessoa, os “escravos” eram os operários em geral .

Sobre a escravatura propriamente dita, Barreto não tem conhecimento de nenhum documento no espólio pessoano que dê a entender que o autor defendia a escravatura, em muitos casos atacando-a, desprezando o racismo dos fascistas e dos nazis ou atacando o trabalho escravo perpetrado pelos ingleses nas minas sul-africanas”.

Cabe ao leitor, pois claro, tirar as suas próprias elações. Não creio, no entanto, depois desta extensa explicação, estar diante de uma personalidade de teor racista com uma visão discriminatória do mundo com base no tom de pele de cada um.

A ignorância, no entanto, é o maior de todos os males, e se por um lado não posso deixar de defender quem hoje luta contra séculos de opressão, morte, tortura e estupro, por outro nem todos os meios justificam os fins, ainda para mais quando os meios implicam o esquecimento das artes, da literatura, da memória e do conhecimento de quem não teve outra culpa senão a de criar. Receio, no entanto, ser o apelo ao raciocínio, à lógica e à calma uma causa perdida em tempos tão conturbados. Tenhamos esperança, portanto, mas também a certeza de uma outra estátua e um outro Pessoa para nos sentarmos a seu lado quando o mundo acordar.

<https://www.publico.pt/2020/06/12/p3/noticia/fernando-pessoa-estatu-segue-1920311>

Quando vier a Primavera

Se eu já estiver morto,
As flores florirão da mesma maneira
E as árvores não serão menos verdes que na primavera passada.
A realidade não precisa de mim.

Sinto uma alegria enorme
Ao pensar que a minha morte não tem importância nenhuma.

Se soubesse que amanhã morria
E a primavera era depois de amanhã,
Morreria contente, porque ela era depois de amanhã.
Se esse é o seu tempo, quando havia ela de vir senão no seu tempo?
Gosto que tudo seja real e que tudo esteja certo;
E gosto porque assim seria, mesmo que eu não gostasse.
Por isso, se morrer agora, morro contente,
Porque tudo é real e tudo está certo.

Podem rezar latim sobre o meu caixão, se quiserem.
Se quiserem, podem dançar e cantar à roda dele.
Não tenho preferências para quando já não puder ter preferências.
O que for, quando for, é que será o que é.

Alberto Caeiro (Fernando Pessoa)